

Entre dois impérios. Viajantes britânicos em Goa (1800-1940), de Filipa Lowndes Vicente

Entre dois impérios. Viajantes britânicos em Goa (1800-1940), by Filipa Lowndes Vicente

ALICE SANTIAGO FARIA*

E*ntre dois impérios. Viajantes britânicos em Goa (1800-1940)*, livro editado no final de 2015 pela editora lisboeta Tinta da China, de autoria de Filipa Lowndes Vicente, reúne numa só obra vários dos interesses de pesquisa da investigadora. Por um lado, trata as complexas relações entre a Índia Britânica e a Índia Portuguesa, sobre as quais se tem vindo a debruçar em outros trabalhos como *Outros orientanismos*, obra publicada em três línguas (VICENTE, 2009; 2012a, 2012b) sobre Gerson da Cunha, um médico goês que vivia em Bombaim, e as suas relações com Florença; por outro, toca nos estudos de género e aqui concretamente na escrita feminina no império português do século XIX; por último, junta a estes temas a fotografia, que tem vindo a estudar num projecto de investigação recente e em cujo âmbito publicou *O império da visão* (2014). Profusamente ilustrado com belíssimas fotografias de Goa, algumas penso que inéditas, esta obra pretende não só dirigir-se a um público académico já familiarizado com alguns dos casos e pontos ali tratados, mas a um público mais alargado. O equilíbrio entre o que se pode considerar dois interesses distintos e estilos distintos de escrever é um objetivo amplamente conseguido por Filipa Vicente.

* Doutora pela Université Paris I Panthéon-Sorbonne, França.

Sem querer ser um levantamento exaustivo da literatura de viagem britânica sobre Goa, como a própria autora refere (VICENTE, 2015, p. 31), esta obra junta a relatos sobejamente conhecidos, como é o caso dos textos de Richard e Isabel Burton, outros inéditos encontrados pela autora na British Library em Londres. No texto introdutório dá ainda conta de diversos textos que não chegou a utilizar nesta publicação, como por exemplo textos sobre Baçaim (ibidem, p. 65-67). Mostra deste modo que este campo de pesquisa é muito rico e encontra-se pouco explorado – aos trabalhos de Filipa Vicente podem-se juntar os de Rogério Miguel Puga, mais centrados em Macau, e os de Isabel Simões-Ferreira sobre a Índia Britânica (2006).

Organizado em duas partes, *Entre dois impérios* trata de múltiplos relatos de viagens recortados cronologicamente pelo longo século XIX, período habitualmente trabalhado pela autora, e que aqui é excepcionalmente estendido até 1940. Cruza dois tipos de olhares: primeiro o oficial, dos homens, que procura retirar conclusões sobre “a má administração colonial portuguesa”, para a sua própria experiência na administração colonial; depois o das mulheres, um olhar “mais livre porque semi-invisível”, uma escrita “fora do formato”. Ideias que vão sendo colocadas em contraponto ao longo de todo o livro e que são sublinhadas por diversas vezes.

O livro abre com um texto de apresentação dos relatos selecionados, ao longo do qual Filipa Vicente vai justificando as suas opções de escolha e explicando os contextos em que estas narrativas foram produzidas. Olhando não só para o contexto goês mas para o quadro geral de produção de cada um deles, consegue uma imagem ampla de quem eram estes viajantes e de como era a “sua” Goa. São olhares sobre uma “outra Índia” de difícil compreensão e definição. Nas palavras de Katherine Guthrie, citadas no livro, o “[...] mais estranho recanto da terra que eu alguma vez visitara” (apud VICENTE, 2015, p. 257). Uma Goa que acentua a visão de súbditos do império britânico dos seus autores, masculinos ou femininos. Uma Índia híbrida, duplamente colonizada, que confundia quando submetida à comparação com o seu território vizinho, em pleno auge. Filipa Vicente deixa ao leitor a proposta de uma leitura do território, como um não-lugar, conceito proposto por Marc Augé, ou seja, nas suas palavras uma leitura de Goa “Como um lugar de passagem, de difícil acesso e, no contexto de uma Índia britânica preeminente, também um lugar de difícil definição?” (ibidem, p. 21). Um território que vivia “entre dois impérios”. Como sublinha nas últimas

páginas desta obra e, em jeito de conclusão, esta vivência partilhada é fundamental para a compreensão da história de Goa nessa época. Por este motivo se realça a importância de se trabalhar “a comparação e os cruzamentos entre estas duas configurações imperiais – a britânica e a portuguesa”, opinião hoje partilhada por a maioria dos autores que trabalham a história de Goa nesse período histórico, mesmo cientes das dificuldades que representa trabalhar essas comparações e cruzamentos.

A primeira parte do livro, intitulada “Colonizar a colônia vizinha”, debruça-se sobre um conjunto de textos que abrange um período de tempo longo: da viagem de James Forbes, que teve início em 1756, à presença de Anne Bremmer, durante a segunda guerra mundial, por sinal um texto inédito e o único produzido por uma mulher que consta nesta parte da obra. Dividida em dez secções, junta relatos de doze viajantes britânicos do sexo masculino e Bremmer, que faz a ponte entre as duas partes do livro. À primeira vista mais diversa que a segunda parte, na verdade não o é. A escolha das narrativas assegurou fios condutores de análise através dos quais estas se relacionam. Os autores escolhidos vão desde o Príncipe de Gales a funcionários e reverendos, passando por quatro governadores da Índia Britânica juntos numa só secção designada pela autora como “*Governadores em visita à ‘outra Índia’*”, ao que é provavelmente o mais conhecido viajante britânico em Goa, Richard Burton. Filipa Vicente cruza bibliografia diversa enquadrando os textos selecionados nos diversos contextos histórico-políticos. A profundidade de análise nem sempre é equilibrada uma vez que, como a autora explica desde logo, a bibliografia é em alguns casos extensa e noutros, quase inexistente. Assim, as páginas dedicadas a Richard Burton e à sua obra *Goa and the Blue Mountains* ou a Anne Bremner são bastante mais extensas do que por exemplo a narrativa de Palmer de 1912, onde as relações entre a igreja e a novíssima República portuguesa, no território goês, são descritas. Esse desequilíbrio também se faz sentir entre a primeira e a segunda parte do livro, onde os casos analisados têm vindo a ser trabalhados pela autora.

Ao longo de toda a obra, Filipa Vicente analisa e acentua os pontos em comum e as diferenças das narrativas, colocando-as por vezes em contraponto. Nesta primeira parte, entre os pontos comuns faz sobressair o facto de estes relatos, maioritariamente no masculino, terem uma perspectiva prática e olharem Goa como um “laboratório histórico” (VICENTE, 2015, p. 32), onde os britânicos poderiam observar e aprender a como não administrar os seus territórios da Índia.

Perspectivas muitas vezes reforçadas pelo facto de muitos destes relatos terem sido produzidos em contextos de viagens oficiais. Leituras sobre a Inquisição, sobre as causas que levaram à decadência da Velha Goa – e descrições da velha cidade e dos seus monumentos – ou de um modo mais geral sobre as causas da decadência da administração portuguesa do território e do império português, e a possibilidade de administração dos ingleses do território goês, são outros dos assuntos apontados como presentes em todas estas narrativas. Muito patente também a importância do culto a S. Francisco Xavier, embora mais explorado na segunda parte, assim como a descrição e a importância dos recursos naturais do território. Consciente do público generalista, português – e ao qual Goa poderá parecer familiar –, a que esta obra se destina a autora vai lembrando “[...] o quão estranha Goa podia parecer a quem vinha da Índia britânica [...] as casas, as pessoas, inclusive ‘os nativos’, tinham um ar estrangeiro [...]” (VICENTE, 2015, p. 157-159). Goa, essa “outra Índia”, fazia acentuar a identidade britânica dos narradores que nunca colocariam em causa a existência ou os benefícios para o “outro” da máquina imperial a que pertenciam. Goa era “[...] sempre pensada no passado [...]” e sem futuro, a não ser que nesse futuro se tornasse parte integrante do Império Britânico (ibidem, p. 91).

Entre os temas específicos tratados pelos viajantes ressaltam quatro: do testemunho presencial da Revolução Liberal em Goa por Charles Montholon-Sémonville, que com a participação de Bernardo Peres da Silva coloca Goa num movimento liberal globalizado (ibidem, p. 90); o início do turismo religioso – tratado por diversos viajantes mas muito especialmente por Sandberg, que se desloca a Goa na altura da Exposição do Corpo de S. Francisco Xavier – e do turismo saúde no território goês (caso das viagens de Burton e Tom Cringle), e ainda a referência a um importante membro da comunidade Parsi em Bombaim que visita Goa, que não é aqui tratado mas tão somente referido, e que deixa pistas para uma investigação ainda por fazer sobre as relações da comunidade Parsi de Bombaim com Goa e mais concretamente com a comunidade goesa em Bombaim, um assunto sobre o qual ainda não se sabe o suficiente e cuja referência também surge na obra *Outros orientalismos*. A autora também faz referência, na conclusão, a alguns viajantes Parsis e Hindus que terão passado por Goa como um assunto também por explorar (ibidem, p. 292).

Na segunda parte do livro, que intitulou “Mulheres, viagens e escrita”, Filipa Lowndes Vicente debruça-se sobre as questões de género, centrando-se em

duas mulheres, Isabel Burton e Katherine Guthrie, e num período temporal muito curto, a década de 1870, revisitando alguns dos seus anteriores trabalhos. As primeiras três secções desta segunda parte – “Cruzar colonialismo e estudos de género”, “Mulheres britânicas escrevem sobre mulheres indianas” e “Possibilidade e limitações da escrita feminina” – surgem em jeito de introdução. Na primeira faz um quase “estado da arte” onde sublinha o volume considerável de trabalho existente feito para o império britânico, sobre os quais se debruça na secção seguinte, e a escassa investigação feita no âmbito dos estudos de género sobre o império português, e mesmo sobre os cruzamentos entre impérios. Enfatiza assim a importância do trabalho que tem vindo a desenvolver, para uma compreensão, comparada ou mais global da história destes espaços imperiais profundamente interligados. A transgressão das fronteiras do género é ainda um tema que debate a propósito da literatura juvenil de aventuras para rapazes, escrita por Isabel Burton mas nunca publicadas (*ibidem*, p. 210-211). Na terceira secção conclui que:

[...] não identifico características intrínsecas a uma escrita feminina ou a uma escrita masculina, mas reconheço que o lugar a partir do qual se escreve pode gerar diferenças de género visíveis na escrita. E esse lugar é, sem dúvida, um lugar diferente para as mulheres e para os homens do período em questão. (*ibidem*, p. 213)

e é isso mesmo que mostra ao longo desta segunda parte. Os temas centrais são comuns – o culto de S. Francisco Xavier, as descrições e reflexões sobre a Velha Cidade, a decadência do poder português e a integração na Índia Britânica como a única esperança para o território.

Como na primeira parte, Vicente observa as semelhanças e as diferenças entre os diversos relatos que a compõem, mas também entre estas e os casos trabalhados na parte anterior. Explora as relações das narrativas do casal Burton ressaltando a diferença, que o conhecimento da língua portuguesa lhes confere, relativamente aos restantes viajantes. Ambos consultaram inúmera bibliografia escrita em português nas bibliotecas de Goa, em boa parte escrita por autores das elites locais goesas, com as quais conviveram. A importância destes autores e nomeadamente de Gerson da Cunha e de Miguel Vicente Abreu para a obra de Isabel Burton, tema também recentemente trabalhado pela autora (VICENTE,

2014), é analisada numa secção própria. A estada no Brasil do casal Burton, por um período de dois anos, surge por diversas vezes sublinhada, sobretudo no caso de Isabel, quer por lhe ter conferido a autoridade do conhecimento da língua, quer porque lhe possibilitou conhecimento mais alargado do espaço colonial português que lhe permitiu fazer comparações sobre as paisagens urbanas coloniais de influência portuguesa, mais concretamente entre Santos, no estado de São Paulo, e Pangim (VICENTE, 2015, p. 234). Filipa Vicente vai mostrando as diferenças entre os membros do casal Burton, realçadas pela devoção de Isabel, católica, a S. Francisco Xavier (ibidem, p. 245- 253). A religião distingue-os e a identidade católica de Isabel é sempre sublinhada como um dos elementos principais dessa distinção. O mesmo vai acontecendo nas secções seguintes, onde analisa as narrativas das duas mulheres em mais profundidade, partindo das suas diferenças religiosas: por um lado Isabel Burton não assiste à Exposição do Corpo de S. Francisco Xavier de quem é devota, e por outro Guthrie, protestante, assiste por acaso à Exposição do Corpo em dezembro de 1878. A importância do culto a S. Francisco Xavier, para católicos e não católicos, como era o caso de Richard e de Katherine, surge assim como uma peça de afirmação da identidade goesa e de afirmação da soberania de Portugal sobre Goa. Por outro lado, era através do respeito pelas religiões dos outros que Isabel via o império britânico como a única alternativa possível de poder em Goa, em consonância com os restantes autores. O livro fecha com um capítulo sobre Guthrie onde se ressalta a importância de analisar a sua narrativa sobre Goa no contexto mais alargado dos seus escritos sobre a Índia Britânica. Filipa Lowndes Vicente utiliza assim um caso específico para concluir e mostrar como esse olhar mais alargado é importante.

A edição não inclui os textos originais, mas no fim da leitura desta obra fica o desejo de que um dia a autora publique uma antologia que reúna este e outros textos em versão original, uma ferramenta de grande utilidade para todos os que estudam ou tem interesse nos ex-territórios da Índia Portuguesa.

Referências

- FERREIRA, Isabel Maria do Nascimento Simões. *Visões do Império: os ingleses na Índia. Caminhos do conhecimento 4*. Lisboa: Colibri Instituto Politécnico, 2006.
- PUGA, Rogério Miguel. *A presença inglesa e as relações anglo-portuguesas em Macau (1635-1793)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar Centro Científico e Cultural de Macau, 2009.
- PUGA, Rogério Miguel. *As primeiras viagens inglesas a Macau 1635-1699*. Lisboa: s.n., 2005.
- VICENTE, Filipa Lowndes. *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014.
- VICENTE, Filipa Lowndes. A colaboração de intelectuais goeses na escrita da “História de Goa” da britânica Isabel Burton. In MACHADO, E.; BRAGA, D. (org.) *Goa portuguesa e pós-colonial: literatura, cultura e sociedade*, 95-107. V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2014.
- VICENTE, Filipa Lowndes. *Other orientalisms: India between Florence and Bombay, 1860-1900*. Hyderabad: Orient Blackswan, 2012a.
- VICENTE, Filipa Lowndes. *Altri orientalismo. L'India a Firenze 1860-1900*. Firenze: Firenze University Press, 2012b.
- VICENTE, Filipa Lowndes. Género e colonialismo: a escrita feminina sobre a Índia Colonial Portuguesa e Britânica. In JERÓNIMO, M. B. *O Império Colonial em questão (sécs. XIX-XX): poderes, saberes e instituições*, 487-514. Lisboa: Edições 70, 2012c.
- VICENTE, Filipa Lowndes. *Outros orientalismos: a Índia entre Florença e Bombaim, 1860-1900*. Lisboa: ICS, 2009.
- VICENTE, Filipa Lowndes. O S. Francisco Xavier de Isabel Burton e de Mrs. Guthrie: duas inglesas em Goa na década de 1870. *Revista Oriente*, n. 13, p. 70-109, dez. 2005.
- VICENTE, Filipa Lowndes. A exposição do Corpo Sagrado de S. Francisco Xavier e as Exposições Industriais e Agrícolas em Goa. *Revista Oriente*, n. 4, p. 55-66, dez. 2002.

Submetido em 02-07-16

Aprovado para publicação em 25-11-16